

MOUTINHO, José Viale.
*Histórias do Tempo da Outra
Senhora*. Lisboa: Esfera do
Caos, 1985, 94 p.

Denis Leandro Francisco
Universidade Federal de Minas Gerais

Histórias clandestinas, dramáticas, de luta e resistência: os 16 contos poéticos – ou poemas em prosa – que conformam essas *Histórias do Tempo da Outra Senhora* demonstram um trabalho de invenção formal, de experimentação com a palavra e, ao mesmo tempo, de tratamento de elementos grotescos que se apresentam sob um viés ora macabro, ora satírico.

O narrador-poeta de José Viale Moutinho faz seu acerto de contas com um certo período da história portuguesa – quem será essa “outra senhora” senão aquela que atende pelo nome de ditadura ou tirania? – e, para levar a cabo sua

empreitada, não apenas rememora, ficcionalmente, o passado, mas o presentifica e o atualiza numa estrutura narrativa invulgar: à enunciação pode ser atribuída uma temporalidade que é, quase sempre, de passado, mas que, no avançar de cada conto, gradativamente assume um caráter de atualidade, passando a explorar o tempo da própria linguagem, como se a prosa intentasse, por esse artifício, ingressar na atemporalidade da poesia ou como se o passado opressor, para se expurgar, quisesse – ou tivesse que – fazer-se atual.

A história, a luta de classes, a violência e opressão políticas estão presentes, de forma bem marcada,

em todos esses textos. O primeiro deles – “Como medo” – já anuncia, em seu título, a sombra de uma PIDE – a polícia política portuguesa – que não cessa de espalhar horror, medo e morte pelas ruas portuguesas:

é comigo
depois não
afastam-se

fico estendido de braços, o rosto
no cimento

(...)

o cimento aquece debaixo do
meu rosto,
uma pancada na nuca e pronto.¹

O derradeiro conto – “Os heróis” – sugere uma (falsa) idéia de redenção: esses “heróis” são jovens que, satisfeitos com a notícia de que haveria vagas de trabalho nas fábricas do país vizinho, são recrutados como operários para, ao final, descobrirem-se ludibriados e forçados a servirem na guerra espanhola contra a força *roja*. Os enganados encontram aí o seu fim, sem retorno ou escapatória, sem socorro ou indulgência:

um oficial deu um tiro na
cabeça de um dos rapazes
que estavam a marcar passo
e disse que aquele era o fim
de quem se atrevesse a
refilar (...).²

Jogando com o onírico – “O rebanho de vidro” – e o grotesco – “Caçada nocturna” –, o autor delineia sua breve mitologia do horror, que pode ter como motivação ficcional a violência, a política, a loucura ou a morte. Valendo-se de uma linguagem ágil e ela própria esfacelada, com vocábulos sempre cortados ao meio e por uma sintaxe truncada e compactada até o limite do verso, a escrita de José Viale Moutinho intenta, em sua forma, elaborar uma denúncia contra a opressão e a estrangulação dos direitos de liberdade.

A despeito da atmosfera lúgubre, que envolve esse conjunto de textos, em pelo menos dois deles, se pode entrever algum sinal de esperança quanto ao futuro do homem, em meio à difícil construção de sua história. Em “Maçãs na cela”, a solidariedade dá

¹ MOUTINHO, p. 13-14.

² MOUTINHO, p. 13-14.

mostras de uma luminosidade, que se faz possível até no mais obscuro dos cárceres e, no conto de abertura, em nítido contraste com o seu título infausto, percebe-se a continuidade de uma resistência em favor da liberdade:

nesta mesma praça onde de
bruços suporrei
o chão
e as botas dos polícias provocaram
o medo
há-de erguer-se uma estátua do
tempo
com as algemas quebradas,
em nome das pequenas eternidades,

e com um verso de Aragon como legenda:

*sonhavas com ser livre e eu te continuo.*³

O calcanhar-de-aquiles da obra fica por conta do seu projeto editorial: uma apresentação adequada do autor e sua devida contextualização, no panorama da literatura portuguesa contemporânea, fazem imensa falta para uma leitura mais bem situada de um livro tão atravessado por questões histórico-contextuais. O texto de José Viale Moutinho merecia o esforço.

³ MOUTINHO, p. 20.